

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

ALLINE DANIELLE CHARÃO ESCOBAR

O OLHAR DO CONTEMPORÂNEO EM *MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*, DE MACHADO DE ASSIS

Aquidauana - MS

Agosto/2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

ALLINE DANIELLE CHARÃO ESCOBAR

O OLHAR DO CONTEMPORÂNEO EM *MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*, DE MACHADO DE ASSIS

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção
do título de graduação em Letras
Português/Inglês apresentado à Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Orientador(a): Prof. Dr. Jose Alonso Torres
Freire

Aquidauana - MS

Agosto/2025

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	VIDA E OBRA.....	8
3	ANTONIO CANDIDO E O PAPEL DA LITERATURA	10
4	ROBERTO SCHWARZ E A ANÁLISE DO CAPITALISMO PERIFÉRICO.....	14
5	O QUE É O CONTEMPORÂNEO? E OUTROS ENSAIOS.....	20
6	O ROMANCE “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”.....	23
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, especialmente meus pais, pelo exemplo e incentivo. Aos meus amigos pelo apoio constante e por tornarem esses anos os mais leves possíveis. Ao meu marido e melhor amigo por dividir a vida comigo em uma era tão bela e caótica. Também expresso minha gratidão a todos os professores e à UFMS, que contribuíram para a minha formação, especialmente meu orientador, Prof. Dr. Jose Alonso. Por fim, a Yahweh, por Sua infinita Graça. Hoje, comemoro: “Até aqui nos ajudou o Senhor.” (1 Samuel 7:12)

A obra em si mesma é tudo: se for te agradar, fino
leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te
com um piparote, e adeus.

Machado de Assis

RESUMO

Este trabalho analisa o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, em diálogo com o conceito de contemporâneo de Giorgio Agamben. A pesquisa investiga como a obra de Machado, por meio da ironia, da construção do narrador e da crítica social, expõe as contradições da elite brasileira do século XIX e as estruturas sociais. A análise também evidencia como Machado de Assis antecipa uma postura crítica que se aproxima da noção de contemporâneo proposta pelo filósofo Agamben, entendida como a capacidade de perceber as sombras e fissuras de seu próprio tempo. Assim, o estudo demonstra que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* permanece atual, oferecendo um olhar crítico não apenas sobre a sociedade oitocentista, mas também sobre dilemas ainda presentes no século XXI.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Machado de Assis; Giorgio Agamben; Contemporâneo.

ABSTRACT

This paper analyzes Machado de Assis' novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Posthumous Memoirs of Brás Cubas) in dialogue with Italian philosopher Giorgio Agamben's concept of contemporaneity. The research investigates how Machado's work, through irony, the construction of the narrator, and social criticism, exposes the contradictions of the 19th-century Brazilian elite and social structures. The analysis also highlights how Machado de Assis anticipates a critical stance that approaches the notion of contemporary proposed by the philosopher Agamben, understood as the ability to perceive the shadows and fissures of his own time. From this perspective, the study demonstrates that *Memórias Póstumas de Brás Cubas* remains relevant today, offering a critical view not only of 19th-century society, but also of dilemmas that are still present in the 21st century.

Keywords: Brazilian Literature; Machado de Assis; Giorgio Agamben; Contemporary.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho possui como tema a relação entre literatura e filosofia a partir de uma leitura contemporânea da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, à luz do conceito de contemporaneidade elaborado pelo filósofo italiano Giorgio Agamben. A pesquisa parte da hipótese de que o romance de Machado, publicado em 1881, embora situado no contexto histórico e social do Brasil do século XIX, antecipa e dialoga com questões vitais da contemporaneidade do país. Desta forma, o estudo busca identificar como Machado de Assis, por meio da narrativa do personagem Brás Cubas, manifesta um olhar crítico que está aliado à concepção de contemporâneo proposta por Agamben, entendida como a capacidade de perceber, no presente, suas nuances mais sombrias.

A problemática central da pesquisa consiste, portanto, em compreender de que maneira a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) pode ser lida como uma obra contemporânea

não apenas ao seu tempo, mas também ao nosso, e como os conceitos desenvolvidos por Agamben ajudam a iluminar essa leitura. Esse questionamento se inicia em perguntas específicas: de que modo Machado expressa, através de seu narrador, uma inadequação em relação ao seu tempo? Como sua postura crítica coincide com o olhar do contemporâneo? Em que medida os temas da vaidade, da morte, da hipocrisia social e do fracasso dialogam com as trevas que, segundo Agamben, definem o olhar contemporâneo?

Para responder a essas questões, o objetivo geral do trabalho é analisar *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) à luz da noção de contemporaneidade apresentada por Giorgio Agamben na obra *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* (2009). Entre os objetivos específicos estão: I) apresentar os principais aspectos formais e temáticos do romance de Machado de Assis, em especial em seu afastamento do modelo romântico e sua crítica à sociedade de sua época; II) expor e discutir o conceito de contemporâneo de Agamben, destacando suas principais características, como a capacidade de perceber as trevas entre a luz ofuscante do presente; III) relacionar episódios e temas centrais do romance com a reflexão filosófica de Agamben, destacando a atualidade e a relevância da obra de Machado.

A justificativa para este estudo se baseia na relevância de Machado de Assis como um dos maiores nomes da literatura brasileira e mundial, cuja obra alvo desta pesquisa permanece atual há mais de um século após sua publicação. Ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas* através do conceito de Agamben de contemporaneidade permite não apenas mergulhar na compreensão da criticidade presente no romance, como também perceber os dilemas e contradições que ainda caracterizam o tempo atual. A metodologia adotada neste estudo é baseada em pesquisa bibliográfica e análise textual. O trabalho está estruturado, por um lado, na leitura e comentários de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, destacando elementos temáticos e críticos que dialogam com a noção de contemporaneidade. Por outro lado, busca a exposição dos conceitos e na interpretação do ensaio “O que é o contemporâneo?”, de Giorgio Agamben.

Quanto aos aspectos estruturais, o trabalho se organiza em sete capítulos, incluindo esta introdução e as considerações finais. O segundo capítulo apresenta um breve resumo da vida e obra de Machado de Assis para contextualização do autor. Em seguida, uma análise do papel da literatura pelos olhos de Antonio Candido, um dos maiores nomes da crítica literária brasileira. No quarto capítulo, uma exposição sobre Machado de Assis e os temas desenvolvidos por ele através da análise de obras do crítico literário Roberto Schwarz: *Ao Vencedor As Batatas* (1977) e *Um Mestre Na Periferia do Capitalismo* (1990). Em seguida, é abordado o ensaio “O

que é o contemporâneo?”, presente na obra *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*”, de Giorgio Agamben, na qual serão abordados seus conceitos e ideias. No sexto capítulo, uma análise de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, contextualizando a obra e discutindo sua forma, seus temas centrais e a crítica social implícita ou explícita em sua narrativa. As considerações finais retomam os principais pontos da pesquisa e apontam possíveis caminhos para estudos futuros.

2 VIDA E OBRA

Machado de Assis, um dos maiores escritores brasileiros, deixou um legado literário que transcende épocas e fronteiras. Nascido em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, Joaquim Maria Machado de Assis veio ao mundo em um contexto marcado por profundas desigualdades sociais. Filho de um pintor de casas e de uma lavadeira, ambos descendentes de escravizados, Machado cresceu em condições humildes, o que não o impediu de se tornar uma das figuras mais conhecidas da literatura brasileira e mundial¹.

Sua juventude foi marcada por grandes perdas: sua mãe faleceu quando ele ainda era uma criança, e sua madrinha, que ajudou a criá-lo, também faleceu cedo. Essas experiências trouxeram desafios, mas também moldaram seu caráter e não o impediram de continuar. Machado não teve acesso a uma educação formal ampla, mas foi autodidata e encontrou nos livros um caminho para expandir seus horizontes. Começou a trabalhar cedo como aprendiz de tipógrafo, uma função que lhe proporcionou contato com obras literárias e culturais que enriqueceriam seu repertório.

Machado viveu em um Brasil em transformação. Durante sua vida, o país passou pela abolição da escravatura e pela proclamação da República, eventos que impactaram profundamente o âmbito social e político do país. Apesar do racismo e das dificuldades impostas a um homem negro em um país ainda marcado pela escravidão, ele conquistou respeito e destaque no cenário literário e cultural brasileiro. Sua carreira inclui atuações como jornalista, cronista, crítico literário e teatral, poeta, contista de grande expressão e, principalmente, romancista. Além disso, um dos feitos mais importantes: foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), cargo que ocupou até sua morte em 1908. Como presidente da ABL, Machado cumpriu um papel fundamental na

¹ Duas fontes foram consideradas para as notas biográficas comentadas aqui: o site da Academia Brasileira de Letras e a *Obra completa* do autor. As referências completas estão ao final do trabalho.

consolidação da academia, defendendo a valorização da língua portuguesa e da produção literária nacional. Ele buscou transformar a Academia em um espaço de referência cultural e intelectual, contribuindo para fortalecer a identidade literária brasileira e promovendo debates de alta relevância sobre literatura e cultura.

Como autor, Machado de Assis deixou uma contribuição inestimável para a literatura brasileira. Ele iniciou sua carreira literária no ambiente estético do Romantismo e logo depois do Realismo, mas não chegou a seguir estritamente nenhum dos dois estilos, escrevendo críticas contundentes a respeito de ambos. Suas obras são marcadas por uma profundidade psicológica bastante característica, pela ironia e também pela crítica social apurada. Entre suas primeiras e mais conhecidas produções está *Ressurreição* (1872), entretanto, sua primeira publicação oficial em formato de livro foi a tradução e adaptação para o público brasileiro de *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861), impresso em uma tipografia. Em seguida, vieram *A Mão e a Luva* (1874), publicado em folhetins, que já encaminhava a transição para uma narrativa mais crítica, juntamente com títulos como *Iaiá Garcia* (1878) e *Helena* (1876), sendo que este romance combina elementos românticos com um olhar para os dilemas sociais.

Em relação à sua escrita de contos, Machado se destacou com publicações em jornais e revistas. Obras como *Missa do Galo* (1883) e *O Alienista* (1882) destacam-se por sua narrativa habilidosa e reflexiva. *O Alienista* foi publicado inicialmente na coletânea *Papéis Avulsos* (1882), que reuniu vários de seus principais contos. Já *Missa do Galo* (1883) foi publicado pela primeira vez na *Gazeta de Notícias*, periódico do Rio de Janeiro. Seu talento para as crônicas também merece destaque. Ele escreveu para periódicos como *Diário do Rio de Janeiro* e *Jornal das Famílias*, produzindo textos que capturam o espírito da época sempre com seu estilo e perspicácia característicos.

Entre suas principais obras estão *Dom Casmurro* (1899), *Quincas Borba* (1891) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). *Dom Casmurro* é uma das obras mais icônicas da literatura brasileira, narrada em primeira pessoa por Bento Santiago, popularmente conhecido como Bentinho, que busca justificar suas suspeitas de traição por parte de sua esposa, Capitu. A ambiguidade da narrativa e a complexidade psicológica dos personagens tornam esta obra uma interessante narrativa sobre ciúme, percepção e as camadas das relações humanas. Já em *Quincas Borba*, somos apresentados à história de Rubião, herdeiro da fortuna de seu amigo Quincas Borba, e acompanhamos o desenrolar de sua ascensão social e posterior ruína. A filosofia do "humanitismo", concebida por Quincas Borba, é uma sátira que aponta as contradições e absurdos da sociedade. Já em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, considerada

um marco inicial do realismo no Brasil, conhecemos a narrativa de um "defunto autor" (contradizendo o realismo em termos estritos) que, com sua característica ironia, revisita momentos de sua vida e questiona os valores e comportamentos de sua época. Uma análise mais detalhada desta obra será realizada posteriormente.

Machado possui um estilo de escrita amplamente reconhecido por sua elegância e sofisticação. Tais elementos podem ser, à primeira vista, intimidantes. Entretanto, em suas obras, são combinados com uma linguagem acessível que o aproximava dos leitores de sua época. Por ser um escritor extremamente versátil, suas obras passaram por praticamente todos os gêneros literários e, enquanto escritor, é comumente associado ao movimento realista, embora sua obra transcenda classificações, como dissemos antes. Devido à complexidade filosófica e estrutural de sua obra, além da temática atemporal de muitos dos seus enredos, Machado de Assis vai além dos limites de qualquer estilo literário. Suas obras incluem romances, contos, poesias e crônicas, cada um refletindo diferentes aspectos de seu talento e de sua personalidade enquanto escritor. Sua escrita dialoga com o Romantismo, as faces do Realismo e, de certa forma, prevê temas que serão retomados pelo Modernismo. Essa capacidade de integrar inúmeras tradições, sem se prender a nenhuma delas, faz de Machado de Assis um autor cuja obra resiste a classificações, exigindo do leitor uma visão atenta à sua complexidade.

A importância de Machado para a literatura brasileira é imensurável. Ele não apenas elevou a qualidade da produção literária nacional, mas também abriu caminho para futuras gerações de escritores. Seu legado é um testemunho do poder da palavra e da capacidade da literatura de transcender barreiras culturais, sociais e temporais. Machado de Assis continua sendo estudado, lido e admirado, tanto no Brasil quanto internacionalmente, e sua obra permanece como um convite para reflexões sobre a condição humana e sobre a sociedade.

3 ANTONIO CANDIDO E O PAPEL DA LITERATURA

Antonio Candido (1918-2017) foi um dos mais importantes intelectuais e sociólogos no Brasil, possuindo um papel significativo na crítica literária. Foi professor na Universidade de São Paulo (USP) por cerca de 50 anos e possui também obras escritas como *Iniciação à literatura brasileira* (1997) e *Os Parceiros do Rio Bonito* (1964). Porém, neste trabalho, analisaremos a obra *Vários Escritos* (1995), na qual Candido vê a literatura como uma expressão complexa da sociedade, destacando sua capacidade de refletir e criticar o contexto

social em que é produzida. Aqui, ele aponta que a literatura não é apenas um reflexo de períodos históricos, políticos e culturais, mas que também desempenha um papel importante na construção e transformação desses períodos.

A obra, composta por duas partes, reúne textos essencialmente de crítica literária, nos quais Candido apresenta críticas, reflexões sobre autores e análises de períodos ou correntes da literatura. Encontramos na obra interpretações sobre escritores como Machado de Assis, Oswald de Andrade, Drummond, Guimarães Rosa, entre outros autores. Já a segunda parte traz ensaios sem uma temática única, como sugere o título, abordando assuntos como a classe média, o nacionalismo e também direitos humanos. O autor complementa dizendo que a literatura tem a função de apresentar e questionar os conflitos sociais, ao mesmo tempo em que oferece novas formas de buscar o entendimento humano, enxergando a literatura como um espaço de reflexão capaz de provocar mudanças na maneira como a sociedade se vê.

Segundo Candido, no ensaio dedicado ao autor objeto de análise, a obra de Machado representou um ponto de virada na literatura brasileira, elevando-a a diferentes níveis de profundidade psicológica e crítica social, sendo reconhecido como um mestre em vida. Embora o autor reconheça que houve tentativas de explicar o talento de Machado devido à sua origem humilde ou de perdas significativas no passado, Candido afirma:

Se analisarmos a sua carreira intelectual, verificaremos que foi admirado e apoiado desde cedo, e que aos cinquenta anos era considerado o maior escritor do país, objeto de uma reverência e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida, antes e depois dele. (Candido, 1995, p. 16).

Esse é um ponto fundamental para compreendermos que o impacto da obra de Machado pouco está atrelado à sua biografia, mas sim à sua capacidade de criar narrativas, especialmente narrativas que continuariam a ressoar como visões profundamente críticas mesmo após mais de um século de sua morte.

No primeiro texto da primeira parte da obra em questão, intitulado *O Esquema de Machado de Assis*, Antônio Candido analisa certos padrões estruturais do pensamento literário de Machado. Ele analisa como o autor construiu um esquema narrativo marcado pela observação criteriosa do comportamento humano e pelas relações sociais de sua época. Candido destaca a existência de determinado equilíbrio entre o individual e o coletivo nas obras de Machado, destacando tanto os aspectos psicológicos mais profundos dos personagens quanto a crítica à sociedade de seu tempo.

Em seus escritos, Candido também enxerga em Machado um pioneirismo em relação à uma linguagem literária que, ao mesmo tempo em que dialoga com determinadas tradições europeias, firma sua própria identidade enraizada na identidade e realidade brasileiras. Ao mesmo tempo em que tratava de temáticas complexas da mente humana mesclada a elementos de seu país, Machado olhava “para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente de suas histórias *que todos podiam ler*” (*grifo do autor*) (Candido, 1995, p. 17). Ele observa o uso do humor, da ironia e da ambiguidade como recursos expressivos que permitem a Machado, pouco a pouco, se transformar em um escritor que via além seu tempo, construindo obras de temática e entendimento universal.

Antonio Candido também menciona em sua obra a "despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica" (Candido, 1995, p. 22) por parte de Machado em suas obras. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, este fator pode ser percebido em diversos momentos. Um exemplo notável é apresentado logo no início com o uso de um narrador já falecido, um recurso arriscado e pouco convencional para a época. Ao utilizar esta abordagem, Machado adota um diferencial estrutural divergente do tradicional presente nas narrativas do século XIX, além de permitir-se explorar temas filosóficos e existenciais de forma mais livre e reflexiva. É claro que o próprio Machado estabelece logo no início do romance suas grandes referências literárias, demonstrando que conheceu e aprendeu com os autores lidos.

Outro aspecto que reflete essa despreocupação é a fragmentação da obra, com capítulos curtos e não necessariamente conectados por uma narrativa contínua. Essa estrutura diferente das tradicionais narrativas lineares leva o leitor ao desafio de interpretar a história além dos eventos ali descritos, focando também nos comentários e nas reflexões do próprio narrador em meio a um “vai e vem” de memórias, num processo conhecido como digressão. Esses elementos atuam como uma quebra de expectativas tanto para o público da época quanto para os leitores contemporâneos que, porventura, estivessem acostumados a romances com foco absoluto em tramas lineares.

Candido também mostra que, embora tenha vivido no século XIX, Machado soube enxergar seu próprio tempo se distanciando dele, criando obras que, no futuro, iriam dialogar com questões ainda pertinentes nos séculos XX e XXI. Candido afirma: “Nos seus contos e romances, sobretudo entre 1888 e 1900, nós encontramos, disfarçados por curiosos traços arcaizantes, alguns temas que seriam característicos da ficção do século XX” (Candido, 1995, p. 17). Um exemplo direto disso está presente em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cuja narrativa já superava expectativas: o narrador é um defunto, a linearidade da história é

interrompida pelo narrador e o foco reincide sobre as ironias e crises existenciais deste personagem.

Por fim, Candido nos diz que a grandeza de Machado está em sua capacidade de criar histórias que revelam os conflitos do homem consigo mesmo, com os outros e com a sociedade. Ao abordar as estruturas sociais, sejam elas familiares, morais ou políticas, Machado revela um mundo de instabilidade, onde a fragilidade da razão, a hipocrisia e a vaidade convivem diariamente.

Entretanto, não podemos nos desviar para conclusões precipitadas sobre a obra de Machado. Ao observá-la pela visão contemporânea, é importante considerar a fala de Antonio Candido quando este sugeriu que não procurássemos leituras que reduzem a produção machadiana a “uma coleção de apólogos” ou a uma “galeria de tipos singulares” (Candido, 1995, p. 32). Assim sendo, ele recomenda que o leitor volte sua atenção às “situações ficcionais” construídas pelo autor. Essas situações, segundo Candido, denotam a elegância com a qual Machado abordava as problemáticas humanas da sociedade. Nas exatas palavras de Candido:

Procuremos sobretudo as situações ficcionais que ele inventou [...], ricas de significado em sua aparente simplicidade, manifestando, com uma enganadora neutralidade de tom, os conflitos essenciais do homem consigo mesmo, com os outros homens, com as classes e os grupos” (Candido, 1995, p. 32)

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, esse olhar enviesado sobre o que é verdadeiramente a face da sociedade aparece através de um narrador morto que relembra sua própria vida, não como exemplo a ser seguido, mas como um fracasso pessoal envolvido em seu sarcasmo degradante. É nesse distanciamento e nesse estilo irônico que é revelada uma crítica amarga às fantasias da burguesia, à moral e ao progresso, temas que debatemos até a atualidade.

Ao final deste primeiro texto, Candido nos deixa mais uma recomendação que denuncia a contemporaneidade e a importância de Machado: “A visão resultante é poderosa [...] O melhor que posso fazer é aconselhar a cada um que esqueça o que eu disse [...] e abra diretamente os livros de Machado de Assis” (Candido, 1995, p. 32).

Este conselho, possivelmente, nos deixa duas leituras: I) a leitura direta é imprescindível para dar início à compreensão da complexidade da obra; II) nos lembra que a força de Machado

de Assis está menos em suas respostas e mais em suas perguntas. Aquelas que, mesmo anos depois, continuam nos provocando: Quem sou eu? Qual o papel de minha existência?

4 ROBERTO SCHWARZ E A ANÁLISE DO CAPITALISMO PERIFÉRICO

Roberto Schwarz, graduado em ciências sociais pela USP e doutorado na Universidade de Paris III, é um dos mais importantes críticos na literatura brasileira, conhecido por sua abordagem que incorpora literatura, sociologia e história, destacando-se ao tratar das obras de Machado de Assis. Sua interpretação de Machado de Assis se tornou referência para compreender como a literatura brasileira apresenta as visões do capitalismo periférico.

Segundo Roberto Schwarz, o conceito de capitalismo periférico está ligado à maneira conflitante e desigual com a qual o capitalismo se desenvolveu em países como o Brasil. Para o autor, trata-se de uma modernização que não conseguiu se desvencilhar das estruturas antiquadas do passado, como o escravismo e patriarcalismo, mas que, ao contrário, absorveu essas estruturas para integrá-las ao processo de modernização e progresso, criando uma sociedade marcada por falsos modernismos e de formato social arcaico:

Com risco de repetição, insistiremos ainda um pouco na ambivalência ideológica das elites brasileiras, um verdadeiro destino. Estas se queriam parte do Ocidente progressista e culto, naquela altura já francamente burguês (a norma), sem prejuízo de serem, na prática, e com igual autenticidade, membro beneficiário do último ou penúltimo grande sistema escravocrata do mesmo Ocidente (a infração). (Schwarz, 1990, p. 29)

Assim, no lugar de um rompimento com o passado, houve uma continuidade disfarçada de modernidade. Esta foi, portanto, incompleta, gerando um tipo específico de regime: um capitalismo dependente, subordinado, que age através da imitação de costumes estrangeiros, mas com conteúdo social e político ainda marcado pelas heranças coloniais. O resultado é uma elite que se apresenta como moderna e esclarecida, mas que mantém seus privilégios marcados por retrocessos. A aproximação com o que estamos vendo em 2025 e os debates em curso mostram bem a validade dessa interpretação.

Duas de suas obras mais conhecidas para estudos sobre Machado de Assis, *Um Mestre na Periferia do Capitalismo* (1990) e *Ao Vencedor as Batatas* (1977), investigam a forma como Machado de Assis escreve sobre essas contradições de maneira sutil, mas carregada de aspectos críticos. Schwarz demonstra como os textos de Machado expõem o estado de espírito do Brasil no século XIX, abordando tanto questões socioeconômicas quanto culturais. Schwarz inicia sua

análise de Machado de Assis a partir das problemáticas sociais do Brasil no século XIX, especialmente por seu ponto de vista periférico no capitalismo. O autor parte da ideia de que a forma literária de Machado, e não apenas suas temáticas, está profundamente atrelada à estrutura social do país. A obra de Schwarz, dividida em duas partes principais, oferece uma interessante e importante leitura que combina crítica literária à análise histórica.

Logo em seu prefácio, Schwarz levanta uma importante pergunta: “Em que consiste a força do romance machadiano da grande fase? Há relação entre a originalidade de sua forma e as situações particulares à sociedade brasileira no século XIX?” (Schwarz, 1990, p. 8). A resposta se encontra ao longo das páginas, com destaque para a análise do narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que assume uma “desfaçatez de classe”, título do primeiro capítulo.

Segundo Schwarz, o tom de escarninho provocante do narrador não é uma escolha ao acaso, mas sim uma forma de personificar a elite brasileira da época, carregada de cinismo e hipocrisia. No início da obra de Machado, por exemplo, o narrador se apresenta da seguinte forma: “Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim [...] a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor.” (Assis, 1881, p. 15). Para Schwarz, esse tipo de frase tem um efeito revelador:

Parece claro que a situação de “defunto autor”, diferente de “autor defunto”, sendo uma agudeza intencionalmente barata, aqui não desmancha a verossimilhança realista, embora a desrespeite. Antes a confirma, pois sem ela não seria originalidade nem teria graça. Menos que afirmar outro mundo, Brás quer destratar o nosso, que é dele também, isto para infligir-nos a sua impertinência. (Schwarz, 1990, p. 15).

Schwarz destaca que a indiferença de Brás é apenas uma espécie de sintoma de uma sociedade marcada por desigualdade social e ausência de um sistema econômico dinâmico. Para o crítico, essa estrutura social é marcada pela convivência entre um discurso moderno que buscava defender e propagar ideias liberais e uma realidade econômica e social dominada pelo sistema escravista. O narrador Brás Cubas é instável, prepotente e indiferente, como a burguesia que representa. Schwarz nota que “a sua superioridade consiste em não se dar jamais por achado (...) e se afirma através da desidentificação sistemática de si mesmo” (Schwarz, 1990, p. 23). Assim, todas as vozes por ele assumidas e a constante mudança de postura são reflexos de uma classe dominante que absorvia os valores modernos para validar práticas antiquadas simplesmente pelo fato de poderem fazer isso.

Outro importante trecho da análise para melhor compreensão da sistemática social da obra está no conceito de “princípio formal” da obra de Machado. Nas palavras de Schwarz:

“Mais que baixo contínuo, esta é a mediação geral que dá pertinência, pelo toque insensato, aos materiais do romance. Digamos então que no curso de sua afirmação a versatilidade do narrador faz pouco de todos os conteúdos e formas que aparecem nas *Memórias*, e os subordina” (Schwarz, 1990, p. 22).

Isso significa, então, que o capricho do narrador não é fruto do acaso, mas do sistema: ele demonstra a lógica social da elite brasileira. Trata-se de um elemento estrutural do romance que age como uma espécie de espelho dos costumes sociais da elite brasileira do século XIX.

Em outras palavras, o comportamento visivelmente alterado do narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é, na verdade, completamente coerente com o *modus operandi* das classes dominantes no Brasil. São tradições marcadas por estratégias para a conservação do poder, indiferença para com o sofrimento alheio e normalização das desigualdades sociais. Este é o mecanismo pelo qual Machado denuncia, com muita inteligência, as estruturas sociais que dominavam sua época. Dessa forma, o autor oferece ao leitor não apenas uma história para se ler, mas uma interpretação crítica do Brasil de seu tempo. Schwarz complementa:

[...] a volubilidade do narrador e a série dos abusos implicados retêm a feição específica, ou, para falar com Antônio Cândido, configuram a “redução estrutural” de um movimento que a circunstância histórica impunha — ou facultava, conforme o ponto de vista — à camada dominante brasileira. (Schwarz, 1990, pág. 25)

Desta forma, o narrador se torna uma figura símbolo de sua classe que, ao mesmo tempo em que buscava valores e costumes de cultura europeia, ainda tinha dificuldades em abandonar o regime da escravidão como uma base econômica e moral.

Dando continuidade às reflexões críticas de Roberto Schwarz sobre a literatura brasileira e suas conexões com a sociedade no Brasil, nos voltamos agora à análise de *Ao vencedor as batatas* (1977), outra obra fundamental do autor para se aprofundar em estudos machadianos. Se no livro anterior o autor já conectava a forma estética e estrutura social, neste trabalho ele eleva sua abordagem ao investigar os embaraços dos romances brasileiros, especialmente em autores como José de Alencar e Machado de Assis, diante das características do país em uma época específica. O título, retirado diretamente de uma passagem de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, já denuncia o tom que passa por toda a obra: trata-se, sim, de pensar na literatura como reflexo da sociedade, mas também como um campo privilegiado para a crítica das problemáticas históricas, principalmente aquelas ligadas à forma com a qual o

capitalismo se desenvolveu na periferia. Explorando este tema, Schwarz aborda mais uma crítica de destaque: as ideias e ideologias liberais num país escravocrata.

Em *Ao vencedor as batatas*, Roberto Schwarz nos apresenta uma premissa interessante: na sociedade brasileira do século XIX, ideias como liberdade, igualdade e progresso eram bastante debatidas, porém, quase nunca correspondiam à realidade da maioria da população. Mesmo buscando a modernidade em ideais de outros países e aparentemente buscando iniciar uma nova era em sua história, o país continuava deitado sobre as bases do escravismo, desigualdade social e tantas outras dificuldades. No texto inicial, intitulado “As ideias fora do lugar”, encontramos um marco da crítica social e literária brasileira ao perceber um profundo desajuste entre forma ideológica e histórica. Segundo Schwarz, não se trata de um simples erro, mas de um fenômeno estrutural que denuncia toda a cultura e intelecto do país:

É claro que a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo eram ideologia na Europa também. Entretanto, lá correspondiam às aparências, encobrendo o essencial: a exploração do trabalho. Entre nós, as mesmas ideias seriam falsas num sentido diverso, por assim dizer, original. (Schwarz, 1977, p. 12)

Desde as primeiras páginas, Schwarz observa que as ideias de modernidade eram recebidas no Brasil com orgulho e expectativa, não como uma crítica ao sistema. Dessa forma, eram destinadas a funcionar como prova de sofisticação cultural de uma elite que não possuía qualquer interesse real em aplicá-las. O autor nota:

Vimos o Brasil, bastião da escravatura, envergonhado diante delas - as ideias mais adiantadas do planeta, ou quase, pois o socialismo já vinha à ordem do dia- e rancoroso, pois não serviam para nada. Mas eram adotadas também com orgulho, de forma ornamental, como prova de modernidade e distinção. (Schwarz, 1977, p. 26)

A hipocrisia é notável: utilizavam os conceitos liberais como um discurso pomposo, ao mesmo tempo em que mantinham práticas sociais e econômicas claramente arcaicas. Para o autor, isso constituía um tom cômico em que a crítica à escravidão, produzida na Europa, era adotada no Brasil apenas como fachada, sem transformar verdadeiramente a realidade.

Esse quadro é fundamental para compreendermos o que Schwarz chama de capitalismo periférico. As tendências modernas, importadas da Europa, funcionam no Brasil sem provocar mudanças verdadeiras, resultando numa modernidade caricata, falsa e profundamente desigual. Segundo o autor, “a escravidão indicava a impropriedade das ideias liberais; o que entretanto é

menos que orientar-lhes o movimento. Sendo embora a relação produtiva fundamental, a escravidão não era o nexu efetivo da vida ideológica. A chave desta era diversa” (Schwarz, 1977. p. 15).

Um dos elementos principais dessa estrutura é o *favor*. Schwarz o define como “nossa mediação quase universal” (p. 16) ou seja, o modo como os diferentes grupos sociais se relacionam. A dependência do favor toca o Estado, a economia e até outras profissões: “O profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário dependia dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto” (p. 16). Segundo Schwarz, o “favor” é uma prática que liga todas as classes, não por meio da lei ou direitos, mas por meio de relações que geram dependência. Dessa forma, um advogado ou médico precisava de favores para exercer sua profissão. Um pequeno proprietário precisava deles para garantir suas terras. Um funcionário público recorria ao “favor” para manter seu cargo. Isso nos mostra que, no lugar da imparcialidade e do mérito, ao final de tudo, suas boas conexões determinariam seu destino. Assim, temos uma sociedade que, em vez de contratos justos e regras iguais para todos, temos contratos sociais em que uma pessoa depende da outra, geralmente alguém com mais poder. Esse tipo de relação mantém os padrões confortáveis para que a parcela social com maior poder possa continuar exatamente onde está. Um bom exemplo disso na literatura de Machado é o conto *Teoria do medalhão*, publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* em 1881 e posteriormente incluído na coletânea *Papéis Avulsos*, em que um pai expõe ao filho sua teoria de como se dar bem em sociedade (Assis, 1994).

Ao longo das páginas iniciais da obra, Schwarz demonstra que essas ideias impróprias ainda possuem efeitos na sociedade, por mais que seja uma ideologia de distinção da elite. O autor escreve: “(...) pouco ajuda insistir na sua clara falsidade. Mais interessante é acompanhar-lhes o movimento, de que ela, a falsidade, é parte verdadeira.” (Schwarz, 1977, p. 26). É essa a força da análise de Schwarz: revelar que, mesmo sendo ideias fora do lugar, elas agiam sobre a sociedade, cooperando para manter o sistema como ele é. Alimentava-se dessa forma uma cultura incoerente em que é normal falar uma coisa e fazer outra.

Em suma, *Ao vencedor as batatas* oferece não apenas mais uma análise ou crítica à ideologia liberal no Brasil escravocrata, mas um modelo para observação das relações socioculturais na denominada periferia do capitalismo. Pelos olhos de Schwarz, conseguimos perceber que a raiz do problema não está na dependência econômica, mas na maneira como os modismos tentam perdurar em meio às tradições arcaicas, criando uma cultura onde as ideias

circulam, como dito por Schwarz, fora de lugar, e a modernidade está presente apenas como um acessório.

O trabalho de Schwarz não se limita à crítica literária. Sua obra é também uma importante ferramenta para compreender o Brasil contemporâneo, onde as marcas do passado e as hipocrisias do capitalismo periférico ainda perduram. Pela combinação de austeridade teórica e sensibilidade literária, Schwarz reafirma que Machado de Assis, como um por ele denominado “mestre”, na periferia do capitalismo, foi capaz de denunciar verdades sobre o poder, a desigualdade e a condição humana, personificando muito bem o contemporâneo, tal como Agamben o definiu e veremos com mais atenção adiante.

Roberto Schwarz, em sua análise de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* presente em *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*, oferece uma interpretação que transcende a época em que o romance foi escrito, revelando como Machado de Assis expõe as contradições do capitalismo periférico brasileiro de maneira crítica e inovadora. Essa perspectiva pode ser relacionada ao conceito de contemporâneo desenvolvido por Giorgio Agamben em seu ensaio “O que é o contemporâneo?”, no qual o filósofo argumenta que o contemporâneo é aquele que percebe as fissuras de sua época e se posiciona diante delas, iluminando aquilo que permanece obscuro e, ao mesmo tempo, criando uma relação tensa com o tempo presente.

Agamben define o contemporâneo como aquele que "não coincide perfeitamente com seu tempo, nem se adapta a suas pretensões" (Agamben, 2009, p. 58). Esse deslocamento em relação à própria época é fundamental para compreendermos tanto a análise de Schwarz quanto a própria obra de Machado. Para Schwarz (1997), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma obra que dialoga tanto com o tempo em que foi produzida quanto com os anos que estariam por vir. Brás Cubas assume uma posição de distanciamento e observa a sociedade do século XIX com um olhar que mistura ironia, distanciamento e crítica, descobrindo as ilusões de progresso e modernidade que mascaravam as relações de poder e desigualdade herdadas do escravismo.

Essa concepção será essencial para a leitura que este trabalho propõe da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. No capítulo seguinte, buscaremos mostrar como o romance de Machado de Assis, mesmo publicado no século XIX, expressa um tipo de olhar que antecipa o gesto contemporâneo descrito por Agamben. O narrador Brás Cubas, ao escrever suas memórias depois da morte, parece adotar exatamente esse ponto de vista oblíquo — distanciado do mundo dos vivos e ao mesmo tempo profundamente envolvido com ele. Ao não se ajustar ao seu tempo,

ao falhar, ao ironizar o progresso e a moralidade burguesa, Brás Cubas parece, curiosamente, ser mais “nosso contemporâneo” do que muitos autores do presente.

5 O QUE É O CONTEMPORÂNEO? E OUTROS ENSAIOS

Giorgio Agamben, filósofo italiano nascido em 1942, é uma importante figura da filosofia contemporânea. Conhecido por sua abordagem interdisciplinar, ele transita entre áreas como direito, política, arte, literatura e estudos religiosos, apresentando ideias que trazem novas perspectivas sobre questões contemporâneas. Agamben é autor de obras influentes como *Homo Sacer* (1995), em que aborda a biopolítica e o conceito de soberania, e o ensaio *O que é o contemporâneo?* presente na obra *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*, publicado originalmente em 2008, com tradução para a Língua Portuguesa em 2009, que é abordado nesta pesquisa.

Esse ensaio em especial representa um estado contínuo do autor de pensar o tempo, o pertencimento e as condições para se estar presente no mundo. Segundo o *Dicionário Oxford Languages* (Oxford Languages, 2025), o termo contemporâneo pode significar tanto “o que viveu ou existiu na mesma época” quanto “o que é do tempo atual”. Porém, em seu ensaio, Agamben questiona o significado de ser contemporâneo de alguma coisa ou alguém, desafiando a noção popular de que o contemporâneo é apenas aquele que vive no mesmo tempo cronológico de um acontecimento ou aquele que se vê parte do tempo em que vive. Ele nos diz que a contemporaneidade é, antes de tudo, uma visão crítica e uma relação particular com o tempo presente: “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação (...)” (Agamben, 2009, p. 59).

Para Agamben, o contemporâneo é aquele que consegue perceber a escuridão do seu próprio tempo, o que significa reconhecer o que há de obscuro, difícil e não resolvido na realidade em que se vive. No entanto, tal capacidade de reconhecer a obscuridade não se dá de forma passiva. Ao contrário, ele exige do indivíduo uma postura ativa e crítica, que dá luz às trevas e revela aquilo que permanece à margem do entendimento ou da atenção: “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar em seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” (Agamben, 2009, p. 62).

O conceito de “deslocamento” é uma peça chave do ensaio. Para Agamben, o contemporâneo é aquele que, como em uma espécie de paradoxo, é participante do seu tempo, mas também possui a capacidade de deslocar-se dele. Esse deslocamento permite ao indivíduo

notar os espaços em branco, as lacunas e imperfeições, mas, de certa forma, ainda permanecer em seu tempo. Em determinado momento, o filósofo utiliza uma metáfora relacionada à astronomia para explicar essa ideia: assim como a luz das estrelas que já morreram e ainda podemos observar leva milhões de anos para chegar até nós na Terra, o contemporâneo percebe o seu tempo como algo que carrega marcas do passado que ficarão gravadas para formar um futuro. Assim, o contemporâneo não percebe o tempo presente de forma linear, mas sim como algo que carrega muitas camadas de significados, conexões com o passado e previsões para o futuro.

Agamben também dialoga com figuras da literatura e da filosofia para fundamentar suas ideias. Ele cita Friedrich Nietzsche, que apontava a necessidade de "ser intempestivo", ou seja, de tomar posição contra o espírito do tempo para compreendê-lo da melhor forma (Agamben, 2009, p. 58). Essa intempestividade é essencial para o indivíduo contemporâneo, pois somente ao se distanciar criticamente do presente é possível compreender as suas camadas mais profundas.

Quando pensamos nas ideias de Agamben e as distribuímos no contexto atual, elas se mostram extremamente relevantes. Vivemos em uma era marcada pelo fluxo incessante de informações em meio a acontecimentos de extrema magnitude e tecnologia em máximo desenvolvimento. Em meio a este tempo, as narrativas são muitas vezes guiadas por impulsos imediatistas e modismos descartáveis. Muitas das "informações", inclusive, são falsas, devido ao fluxo constante destas que são carentes de verificação e contextualização.

No sentido de Agamben, o contemporâneo seria aquele que questiona essa aceleração e busca compreender as consequências a longo prazo das práticas culturais, sociais e tecnológicas. A crise climática, por exemplo, é uma realidade que evidencia a dificuldade de nossa sociedade em lidar com o tempo. Muitas das respostas propostas para solucionar esta problemática tão urgente são paliativas e imediatistas, enquanto o contemporâneo "agambeniano" seria aquele que reconhece as trevas desse problema, entendendo que soluções verdadeiras exigem uma reflexão profunda sobre as ações de consumo irresponsável e relação com o planeta.

Agamben também utiliza como exemplo a neurofisiologia da visão para demonstrar metaforicamente o papel do contemporâneo em relação ao seu tempo. Ele nos explica que a parte mais periférica da retina humana é composta por células conhecidas como *off-cells*, que são inibidas pela luz e se ativam na ausência desta. Ou seja, quando estamos em ausência total

de luz, essas células são ativadas e nos resta somente o escuro, o que significa que vê-lo não é simplesmente não ver nada, mas sim uma forma de percepção, uma reação à ausência da luz (Agamben, 2009, p. 63)

Assim, Agamben utiliza mais essa observação como metáfora para a definição de contemporâneo: ao invés de se deixar cegar pelas luzes do seu tempo – as narrativas dominantes e os modismos passageiros – o contemporâneo volta seu olhar justamente para as partes mais escuras, para o que está oculto aos olhos deslumbrados pelas luzes. Assim como a visão humana possui a capacidade de se adaptar para enxergar na escuridão, o contemporâneo é aquele que consegue perceber o invisível, enxergando o que a maioria não vê. “Pode-se dizer contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade.” (Agamben, 2009, p. 63)

Além disso, a noção de contemporaneidade apresentada por Agamben também tem fortes conexões com a literatura. O autor sugere que o contemporâneo é, muitas vezes, um indivíduo deslocado, alguém que vê o presente com olhos de quem não pertence totalmente a ele (Agamben, 2009, p. 64). Essa ideia pode ser relacionada a escritores que, por meio de suas obras, exploram as crises e os conflitos de sua época. Um exemplo clássico é Franz Kafka, cuja obra, embora produzida no início do século XX, aborda questões de alienação e poder que ainda ecoam com frequência no presente. A literatura, assim como a filosofia, tem a capacidade de iluminar o que está fora do foco e nos apresentar novas maneiras de enxergar o mundo.

Em última leitura, “O que é o contemporâneo?” é um ensaio que nos convida a analisar nossa relação com o mundo presente. Ele nos leva a pensar que a contemporaneidade vai além de coincidências cronológicas e, para sermos tais indivíduos, é necessário examinarmos nossa era dotados de uma postura crítica e vigilante. Ao apontar luz às sombras, o contemporâneo é capaz de compreender melhor as complexidades de sua época e, talvez, propor caminhos para transformá-la. A obra de Agamben, portanto, não é apenas uma reflexão filosófica, mas também um convite à ação para com as questões mais urgentes de nossa realidade.

No campo da literatura brasileira, essa perspectiva pode ser conectada à obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. Assim como o contemporâneo de Agamben, Machado, através de seu personagem Brás Cubas - uma figura que narra a história de sua vida após a morte - assume uma posição de deslocamento em relação ao seu próprio tempo. Este posicionamento permite ao autor explorar, com todas as suas ferramentas de escritor, as hipocrisias e contradições da sociedade brasileira do século XIX. Ao estar na posição de

narrador já morto, Brás Cubas encontra-se literalmente fora do tempo dos vivos, e é exatamente essa posição que o permite ser um indivíduo com olhar distanciado sobre os acontecimentos de sua vida e sobre a sociedade do século XIX. Ele afirma: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria” (Assis, 1881, p. 178). Esse tom irônico é característico de alguém que, como Agamben aponta, foi capaz de perceber as problemáticas de sua época e da sociedade em que estava inserido.

Além disso, a estrutura não-linear de *Memórias Póstumas* reflete o entendimento de Agamben de que o presente é uma área entre o passado e o futuro. Brás Cubas não narra sua história de forma cronológica. De forma contrária, ele revê momentos de sua vida com base em associações de memórias e várias reflexões, percebendo aspectos da sociedade que porventura permaneceriam invisíveis na narrativa convencional de um “não contemporâneo”. Como Agamben observa, “[...] exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que outros, de perceber e aprender o seu tempo.” (Agamben, 2009, p. 59). Brás Cubas faz exatamente isso ao expor as hipocrisias e desigualdades da sociedade brasileira que ele bem personifica.

Assim, o conceito de contemporaneidade de Agamben ajuda a compreender *Memórias Póstumas de Brás Cubas* como uma obra que está simultaneamente dentro e fora do tempo em que foi escrita. O olhar deslocado e crítico de Brás Cubas exemplifica o que Agamben chama de “uma relação singular com o próprio tempo” (2008, p. 59), pois ilumina questões que, embora enraizadas no século XIX, continuam relevantes e instigantes na contemporaneidade.

6 O ROMANCE *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Ao nos debruçarmos sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, entramos em contato com uma obra que não apenas contraria expectativas de sua época, mas também muitas crenças literárias que, ainda hoje, costumam moldar nossas ideias do significado de um romance tradicional. Ela dá início na literatura brasileira a uma nova maneira de narrar, em que o que se conta importa tanto quanto o modo como se conta. Trata-se de uma obra à frente de seu tempo, diferenciando-se das demais em termos estruturais e, principalmente, em relacionamento com o leitor.

Ao criar a figura de seu “defunto-autor”, Machado não apenas inicia uma narrativa a partir de um ponto de vista definitivamente inusitado como também estabelece, desde o primeiro capítulo, um tom que vai além de qualquer leitura previsível. Logo na abertura, encontramos a famosa dedicatória que invadiu as mais diversas camadas culturais: “Ao verme

que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas”. Estas palavras já funcionam como um aviso: este não é um livro comum. O uso da ironia denota desde o início um tom com o qual o leitor irá se familiarizar através das páginas.

Mais do que contar uma história de um homem, *Memórias Póstumas* apresenta uma reflexão sobre a própria construção do sentido da vida e também da literatura. O que vemos nas páginas do romance é menos a trajetória heroica de um personagem e mais um lento desenrolar de frustrações e vaidades. Brás Cubas não está interessado na empatia do leitor e este é, talvez, um de seus trejeitos mais interessantes. Ele narra suas memórias do além, sem demonstrar algum remorso e com uma franqueza que beira a audácia. É um homem da elite brasileira do século XIX que, mesmo após a morte, continua preso a vaidades e auto validação, mas agora, sem precisar fingir valores que não tem.

A estrutura da obra é um dos aspectos mais inovadores. Os capítulos curtos, alguns com apenas uma linha, e a ordem não linear dos acontecimentos são aspectos que criam uma narrativa que se aproxima mais de um diálogo ou um fluxo de pensamento do que um clássico romance com linearidade bem definida.

Machado utiliza uma escrita que parece espontânea, mas é milimetricamente pensada. Um texto, à primeira vista desorganizado, serve justamente para quebrar as expectativas do leitor, levando-o a refletir não apenas sobre o conteúdo da obra, mas também sobre sua forma. Assim, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* também se destaca por ser um romance que conversa com o leitor. O narrador fala diretamente com quem o lê, por diversas vezes interrompendo a narrativa para fazer comentários, perguntas retóricas e até mesmo comentários maliciosos. Essa característica do narrador reforça a metalinguagem presente no texto. Neste caso, temos em mãos um romance que se sabe romance e que se sabe ficção.

Ainda sobre a figura do narrador, Machado de Assis o utiliza para fazer críticas à sociedade brasileira. Embora Brás Cubas seja uma criação que veicula uma forte crítica social, suas memórias revelam a hipocrisia e a superficialidade da elite do século XIX. Para isso, Machado criou um personagem filho de uma família abastada, um jovem criado com muitos privilégios e nenhuma responsabilidade, o que contribui para sua formação como um indivíduo indiferente às questões alheias. Brás demonstra pouca ou nenhuma sensibilidade emocional, além de uma postura arrogante diante dos que considera inferiores. O desinteresse pelos estudos é marcante em sua adolescência, apesar das oportunidades que lhe são oferecidas, como a

estadia no exterior para cursar Direito, mais motivada pela vaidade e desejos da família do que por qualquer interesse de realização pessoal: “A universidade esperava-me com as suas matérias árduas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo (...)” (Assis, 1881, p. 44) Machado revelava como a elite era eficiente em formar indivíduos inúteis do ponto de vista social.

Os traços que marcariam a fase adulta de Brás Cubas já se mostravam na infância e adolescência. Estes ficam mais evidentes no Capítulo XI, intitulado “O Menino é o Pai do Homem”, na qual Machado aproveita-se da expressão para sugerir a ideia de que a infância molda o caráter do adulto e, em vez de amadurecer, ele apenas reproduz, em novas situações, os mesmos comportamentos egoístas e vazios da infância. Desde seus primeiros anos de vida, Brás Cubas já demonstrava apatia em relação a outros, além da sensação de superioridade social. Neste mesmo capítulo, conhecemos o início de sua relação com Prudêncio, seu escravo na infância que também era uma criança:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!”.
(Assis, 1881, p. 25)

O comportamento do personagem era, por seus semelhantes, visto com naturalidade, o que revela a normalização da dominação racial e social presente desde os primeiros anos do pequeno Brás Cubas. O desinteresse pelos estudos e por qualquer projeto próprio de vida denota uma formação vazia que serve apenas às aparências. Com isso, Machado constrói um personagem símbolo da improdutividade da burguesia do Brasil de sua época, educada para manter o status social e nada além.

Outro marcante episódio essencial para compreendermos a dinâmica de opressão entre classes sociais acontece quando Brás Cubas, anos após seu retorno do exterior e após inúmeros eventos e infortúnios em sua vida, reencontra Prudêncio. Caminhando pela área central da cidade, Brás Cubas nota uma comoção e decide se aproximar para observar. Ali, ele encontra Prudêncio, já um homem livre, castigando outro escravo em público. Ele observa:

Parei, olhei... justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele. — É, sim nhonhô. — Fez-te alguma coisa? — É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo

na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber. (Assis, 1881, p. 98)

Esta cena em que Prudêncio, ex-escravo, aparece castigando seu próprio escravo, mesmo após ter sido ele próprio vítima de violência, continua ecoando fortemente mesmo após anos, pois nos revela como os ciclos de opressão podem ser internalizados e reproduzidos por quem já esteve do outro lado. Essa dinâmica pode ser observada hoje em diversos âmbitos sociais, como nas relações de poder em ambientes sociais, na reprodução de preconceitos por grupos marginalizados ou na reprodução de práticas não igualitárias por indivíduos que ascendem socialmente, mas mantém as práticas discriminatórias que antes os afetavam. A crítica de Machado vai muito além de um contexto como o de Prudêncio no século XIX. Ela permanece atual ao demonstrar como os sistemas desiguais moldam comportamentos da sociedade. A figura de Prudêncio funciona para nós como um alerta para os perigos na normalização da opressão e para a urgência de uma consciência crítica que lute contra estes padrões históricos.

Ao longo de sua obra, Machado de Assis criou em *Brás Cubas* um narrador consciente das vaidades de sua época, mas também o usava para se distanciar o bastante e observá-las com ironia. Esse posicionamento particular do narrador e do escritor, juntamente com a estrutura e crítica da obra, aproxima Machado da noção de contemporâneo tecida por Giorgio Agamben. O filósofo afirma ser contemporâneo alguém que, mesmo pertencendo a seu tempo, é capaz de perceber nele as sombras, o que falha, o que permanece inacabado. Nas palavras do filósofo: “Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (Agamben, 2009, p. 63).

Assim, em seu percurso de entendimento de seu próprio tempo, Machado recorre à figura de um defunto, um indivíduo que não está mais entre os vivos na sociedade. Logo, este não sofre os impactos das opiniões de terceiros e é livre para pensar e comentar como desejar, privilégios que só um autor defunto tem. Assim, ele narra suas memórias depois da morte, assume um ponto de vista que lhe permite enxergar não apenas os fatos que o marcaram, mas também o vazio e a inutilidade que permeiam sua existência. Essa consciência do nada, presente no tom zombeteiro com que conta suas infelicidades, revela uma postura que não condiz com o ideal romântico do herói virtuoso. Ele mesmo resume, ao final da obra, sua vida como um fracasso elegante: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (Assis, 1881, p. 187). Essa conhecida afirmação ecoa na reflexão de Agamben, para quem ser contemporâneo é também resistir à lógica e perceber o que há de inaproveitável no presente:

“Um homem inteligente pode odiar seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir do seu tempo.” (Agamben, 2009, p. 59).

Outro aspecto da vida do personagem principal que denota suas relações inóspitas e vazias são seus relacionamentos amorosos. Por Marcela, seu amor da adolescência, chegou a se apaixonar verdadeiramente: “A que me cativou foi uma dama espanhola. Marcela, a “linda Marcela”, como lhe chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes.” (Assis, 1881, p. 33) Por muito tempo, presenteava a cortesã espanhola com dinheiro e muitos luxos. Brás Cubas, imaturo e deslumbrado, se apaixonou perdidamente por ela. É uma paixão arrebatadora, cheia de promessas, mas completamente ingênua da parte dele. Após um longo período de relacionamento, seu pai percebeu as absurdas quantias gastas por Brás Cubas para com a jovem, e logo o repreendeu. Sem dinheiro, é rejeitado, pois Marcela possuía um único interesse no jovem, como demonstra bem o trecho seguinte: “... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.” (Assis, 1881, p. 37) Essa frase revela que o amor de Marcela era, na verdade, proporcional ao dinheiro que Brás lhe rendia. Esse caso simboliza o quanto Brás Cubas já era vaidoso e superficial desde jovem. Ele acreditava que podia comprar afeto, e ao mesmo tempo gostava de exibir seu status e viver prazeres sem compromisso. Quando o pai descobre e corta a mesada, Marcela não resiste: desaparece, mostrando a verdadeira face da relação.

Outro interesse amoroso de destaque na história de Brás Cubas é Virgília. Filha de um importante político influente, a história com Virgília é diferente, mais madura, mas ainda mais egoísta e hipócrita: “Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, — devoção, ou talvez medo; (...)” (Assis, 1881, p. 54) Virgília já era sua paixão na juventude, mas ele a perde quando ela entra em um casamento com Lobo Neves, um melhor partido político. Já casada, Virgília reencontra Brás Cubas e se inicia um caso extraconjugal. Eles vivem um romance escondido, com encontros cheios de desejo. A relação entre ambos é marcada pelo desejo, mas também pelo egoísmo: Virgília busca nele um escape para o casamento sem amor, e ele se sente vaidoso por “roubar” a esposa de outro homem. Para manter a relação, Brás Cubas ainda faz um acordo com D. Plácida, uma costureira que aceita ceder sua casa como local para os encontros dos amantes, recebendo dinheiro e favores em troca. Ela se torna então cúmplice da relação ilícita, aceitando esconder o casal em troca de dinheiro. Mas mesmo esse amor não é representado como uma grande história trágica ou sublime, mas sim um reflexo da hipocrisia e egoísmo dos personagens, que pensam apenas em si mesmos.

Outra mulher alvo dos olhares de Brás Cubas é Eugênia, uma jovem mulher bela, de bons modos que, ao conhecê-lo, logo demonstra deslumbre. Ele a conhece em uma das visitas à casa de Dona Eusébia, mãe da moça, que parece torcer para que os dois se aproximem. De fato, Brás fica lisonjeado por Eugênia se mostrar atraída por ele, e até cogita a possibilidade de se casar com ela. Mas então vem o detalhe cruel: Eugênia era coxa e mancava enquanto caminhava. Isso bastou para que Brás Cubas perdesse todo o interesse na jovem. Casar-se com uma mulher que tivesse um “defeito” visível como o de Eugênia seria inadmissível, pois isso feriria a sua vaidade e seu status social, como podemos ver no trecho abaixo:

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? por que coxa, se bonita? Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar com a solução do enigma. (Assis, 1881, p. 60)

Esse episódio mostra mais uma vez a personalidade fútil, orgulhosa e fria de Brás Cubas, que optou por abrir mão de uma mulher que realmente o estimava apenas para manter sua imagem social intacta, recusando qualquer possibilidade de “imperfeição” que pudesse atingir seu ego. Mais uma vez Machado tece uma crítica às relações sociais das classes mais altas, mais especificamente no âmbito do mercado de casamentos que, no século XIX, mais se assemelhavam a contratos financeiros e arranjos familiares do que a uniões legítimas entre duas pessoas. As decisões matrimoniais eram tomadas pelos pais, e a mulher possuía pouca ou nenhuma voz na decisão final. Por fim, Brás ainda comenta o caso com certo cinismo e desapego, mostrando como ele não levava a sério sentimentos verdadeiros nem se preocupava em ferir os sentimentos de Eugênia.

— Adeus, suspirou ela estendendo-me a mão com simplicidade; faz bem. — E como eu nada dissesse, continuou: — Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo. Ia dizer-lhe que não; ela retirou-se lentamente, engolindo as lágrimas. Alcancei-a a poucos passos, e jurei-lhe por todos os santos do céu que eu era obrigado a descer, mas que não deixava de lhe querer e muito; tudo hipérboles frias, que ela escutou sem dizer nada. (Assis, 1881, p. 62)

As relações amorosas de Brás Cubas são um exemplo de como Machado recorre ao seu narrador para denunciar as práticas da sociedade do seu tempo e assumir um papel de indivíduo contemporâneo. Machado vivia no século XIX, mas não era totalmente adepto a ele. Como afirma Agamben, “Se, como vimos, é o contemporâneo que fraturou as vértebras de seu tempo [...], ele faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações.” (Agamben, 2009, p. 71) Assim, Machado percebia as falhas de seu tempo e, talvez sem completa consciência, suas críticas ainda ecoariam no século XXI.

As ilusões de sucesso de Brás Cubas aparecem desde o projeto do “emplasto Brás Cubas”. O narrador revela, repleto de vaidade e desejos egoístas, a ambição de criar um remédio para curar hipocondríacos, não por altruísmo e desejo de ajudar o próximo, mas por vaidade:

Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. (Assis, 1881, p. 11)

Aqui, a suposta generosidade se disfarça de puro desejo de fama, uma crítica à hipocrisia da elite carioca do Rio de Janeiro que buscava mascarar sua inutilidade através de obras vãs. A ideia que termina em fracasso nos mostra a condição de Brás Cubas como um personagem que não atua ativamente na sociedade e não possui nada a acrescentar para o ambiente à sua volta. Machado é certo ao criar um personagem tão representativo tanto de sua época quanto dos dias atuais.

O episódio do “delírio” também traz uma poderosa leitura contemporânea. Em um episódio de alta febre, Brás Cubas começa a delirar e encontra a Natureza, que lhe revela a brutalidade da existência: “Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga” (Assis, 1881, p. 44). Nessa cena peculiar, ele é confrontado pela indiferença do universo, sem recompensa para as virtudes. É um sentimento de escuridão que Agamben descreve como característica da verdadeira contemporaneidade de um indivíduo: “Ver as trevas não é uma forma de cegueira, mas é antes uma particular sensibilidade, que permite ver a escuridão do presente” (Agamben, 2009, p. 61).

É preciso lembrar novamente que, embora escrito no século XIX, o romance de Machado de Assis ainda dialoga profundamente com questões que enfrentamos no presente. Temáticas como o fracasso, a vaidade, a morte, o desejo de reconhecimento e a crítica ao ideal de sucesso permanecem atuais e ecoam com força nas aflições do sujeito contemporâneo. Por isso mesmo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* continua sendo uma leitura contemporânea em muitos sentidos.

Ao pensarmos no significado de ser ou não contemporâneo, é comum associarmos essa palavra àquilo que é atual, moderno, ou em sintonia com os acontecimentos da atualidade. No entanto, essa popular concepção quase automática da contemporaneidade é justamente o que Giorgio Agamben desfaz e reconstrói no ensaio “O que é o contemporâneo?”. O texto traz uma

reflexão filosófica profunda sobre o que de fato significa pertencer ao seu tempo e sobre como, paradoxalmente, é necessário não coincidir completamente com ele para verdadeiramente entendê-lo.

Em seu ensaio, Agamben afirma que “(...) contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” (Agamben, 2009, p. 62). Essa percepção revela que a verdadeira contemporaneidade não é apenas uma mera identificação rasa com o presente ou se sentir pertencente à sua época, mas sim possuir uma sensibilidade àquelas, por Agamben assim chamadas, “sombras”. Ou seja, o contemporâneo é aquele que percebe o que no tempo atual não funciona, aquilo que escapa, que permanece encoberto e mal resolvido. Essa postura envolve um tipo de deslocamento em relação ao tempo. Não se trata de negar o presente, mas sim de não se submeter a ele de forma passiva.

Machado de Assis pode ser considerado um contemporâneo do nosso tempo no sentido que Agamben aponta porque sua obra vai além das barreiras cronológicas do século XIX e continua profundamente atual em suas críticas e temas. A leitura de seus romances nos revela um olhar aguçado para as hipocrisias da sociedade brasileira. Este olhar, utilizando as palavras de Agamben, “sabe ver a escuridão do presente”. Em outras palavras, Machado, como um indivíduo presente na sociedade do século XIX, não se deixou cegar pelas ilusões do progresso ou pelos discursos da modernidade que permeavam as ruas da sociedade carioca. Em contrapartida, com sua perspicácia, ele soube perceber as sombras de seu tempo, muitas das quais ainda persistem em nossos dias no século XXI.

Especificamente em obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado expõe as hipocrisias sociais que continuam a nos assombrar atualmente: a desigualdade gritante entre classes sociais, o racismo estrutural, a exploração e diminuição dos grupos minoritários, a alienação da população diante do sofrimento alheio, a vaidade como combustível da vida social. Esses elementos não pertencem apenas ao contexto do Brasil e do mundo dos anos 1800, mas ecoam com força no Brasil e no mundo do século XXI, ainda marcado fortemente por injustiças sociais e falsos discursos humanitários. Ler Machado hoje é ser confrontado com a constância dessas práticas. É perceber que as mesmas abomináveis práticas sociais que ele denunciava continuam a impactar as relações econômicas, políticas e sociais atualmente.

O ponto importante levantado por Agamben é a ideia de que ser contemporâneo significa aderir ao seu tempo e, ao mesmo tempo, se distanciar dele (Agamben, 2009, p. 59). A dualidade de pertencer e, ao mesmo tempo, não pertencer, é central no conceito. O verdadeiro

contemporâneo é uma posição de desajuste, que observa a própria época de um lugar distante. Por isso, é capaz de percebê-la de maneira crítica. Os temas universais que abordados por Machado garantem à sua obra uma atemporalidade rara. Brás Cubas e sua família, Virgília, Marcela e até mesmo Prudêncio são personagens filhos do século XIX, mas também projeções poderosas dos homens e mulheres de hoje. São pessoas movidas unicamente por seus interesses, capazes de pequenas crueldades e de grandes hipocrisias. Embora ambientados em uma sociedade escravocrata e patriarcal, seus dramas têm dimensões da condição humana que ainda não soubemos superar com sucesso.

A forma como Machado escreve também contribui para torná-lo nosso contemporâneo. Podemos compreender sua coragem de não apenas perceber as problemáticas de sua época, como também criar uma obra nas quais seus personagens seriam coerentes não somente com o século XIX, mas também com os anos que viriam no futuro. Ele foi um inovador em termos literários, um autor claramente à frente de seu tempo.

Sua narrativa abrigou um narrador pouco confiável, que expõe a própria falsidade de seus relatos, e com uma estrutura não linear que antecipa características da literatura do século XX. A cada página de sua obra, percebemos como o uso da ironia funciona como instrumento de crítica que desestabiliza o leitor, convidando-o a duvidar das aparências e a enxergar além. Essa ousadia confere à obra uma modernidade que ainda hoje surpreende e inspira novos escritores. Ao longo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis cria um narrador profundamente consciente dos privilégios de sua época, mas, como escritor, se distancia o bastante para observá-las.

Ao narrar suas memórias após a morte, Machado assume através de Brás Cubas um ponto de vista que lhe permite enxergar não apenas os fatos que o marcaram, mas também o vazio e a inutilidade que definem sua existência. Essa consciência do nada, expressa no tom cômico com que conta suas aventuras, revela uma postura que rompe com o ideal do herói. Ele mesmo resume sua vida como um fracasso: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (Assis, 1881, p. 147). Brás Cubas morreu com consciência de que sua vida ociosa nada teria a acrescentar e perpetuar em uma descendência. Tudo em sua vida caminha para a inutilidade, e é dessa inutilidade que nasce a ironia amarga que atravessa toda a obra. Ao invés de ser um exemplo de triunfo, ele pode ser lido como um exemplo de lucidez final. Essa posição aproxima-o do nosso presente, em que tantas promessas modernas se mostram cada vez mais problemáticas. É possível perceber, assim, que *Memórias Póstumas*

não pertence apenas ao século XIX, pois seu tom crítico continua relevante para os leitores do presente.

Além disso, a visão de Brás Cubas sobre sua própria vida e sobre as relações sociais ao seu redor pode ser lida como uma crítica ao próprio conceito de sucesso e avanço individual. Como observa Schwarz (1990), Machado de Assis pode ser considerado um autor contemporâneo não apenas por sua inovação estética, mas por ter captado com precisão as incoerências do capitalismo periférico no Brasil, que continuam até os dias de hoje. Sua ironia diante das “ideias fora do lugar” e sua crítica à hipocrisia da burguesia ainda são extremamente atuais, mostrando que, mesmo após um século, o Brasil ainda encara as mesmas ideias problemáticas.

Dessa forma, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* funciona como uma obra contemporânea no sentido de Agamben, pois, ao mesmo tempo que é presente em sua época, ela não permanece estática no século XIX, fornecendo uma crítica que permanece relevante para além de seu contexto histórico.

Finalmente, a ligação entre Schwarz e Agamben reforça a capacidade de Machado de Assis de agir em um plano que não se limita à crítica local, mas que aborda questões universais da sociedade brasileira e da humanidade. A escrita de Machado revela não apenas as especificidades do capitalismo periférico brasileiro, mas também a maneira como as estruturas de poder e desigualdade se perpetuam em diferentes âmbitos históricos. É essa capacidade de ir além dos limites de sua época que torna Machado de Assis, na leitura de Schwarz, um verdadeiro "mestre na periferia do capitalismo", e que o classifica, de acordo com o conceito de Agamben, um homem contemporâneo do passado e do futuro.

Memórias Póstumas é um romance que questiona a moralidade, o status social e as guerras de classes, expondo suas falhas, suas mesquinhas e falta de compromisso com a vida. O próprio Brás Cubas, como narrador que observa sua vida de uma posição após a morte, transmite uma sensação de futilidade e vazio existencial, nos mostrando o quão efêmeras e desprovidas de sentido muitas das conquistas e realizações dessa classe realmente são. Por meio deste icônico personagem da Literatura Brasileira, Machado nos oferece não apenas um espelho de seu tempo, mas também um convite para refletirmos sobre a vaidade, o fracasso e a hipocrisia que ainda persistem no nosso presente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, a partir do conceito de contemporaneidade proposto pelo filósofo Giorgio Agamben, buscando compreender de que modo a narrativa de Machado abrange não apenas as hipocrisias de sua época, mas também os aspectos sombrios que ainda ecoam em nossa própria sociedade atualmente.

Ao longo do estudo, observamos a originalidade da narrativa de Machado, a crítica social implícita em sua obra e a relação entre a postura de Machado através de Brás Cubas com a ideia do contemporâneo de Agamben. Os resultados demonstraram que a obra não apenas representa as contradições da sociedade brasileira do século XIX, mas também nos mostra uma reflexão atemporal sobre desigualdade, hipocrisia e relações humanas.

A análise reforça a relevância de Machado para os estudos de Literatura e para a compreensão das marcas em nossa sociedade. Para futuras pesquisas, é importante considerar a ampliação deste estudo para outras obras de Machado de Assis, investigando de que modo Machado, através de outros personagens, como em *Dom Casmurro* (1889) e *Quincas Borba* (1891), também assume essa postura contemporânea diante do mundo. Também seria oportuno explorar diálogos entre Machado e outros filósofos da modernidade.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ASSIS, Machado de. *Obra completa* (3 volumes). Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1962.

COUTINHO, Afrânio. Estudo crítico – Machado de Assis na literatura brasileira. In: ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: obra completa*. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 23-65.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. *História e antecedentes*. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-e-antecedentes/>.

EUROPEAN GRADUATE SCHOOL. *Giorgio Agamben*. Disponível em: <https://pact.egs.edu/biography/giorgio-agamben/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SCHWARZ, Roberto. *Página do autor*. Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/00459/roberto-schwarz>.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *A vida, a obra e o legado de Antonio Candido*. Jornal da USP, 24 maio 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/a-vida-a-obra-e-o-legado-de-antonio-candido/>.

REFERÊNCIAS CITADAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Machado de Assis: biografia*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-Assis/biografia>. Acesso em 08 de julho de 2025.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. 92 p.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional; Revista Brasileira: Jornal de Literatura, Teatros e Indústria, 1880.

CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 1995.

OXFORD LANGUAGES. *Contemporâneo*. In: Google Dicionário. [S. l.]: Oxford University Press. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em:

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).